**O LÚDICO COMO FERRAMENTA DE ACESSIBILIDADE E ATENÇÃO À PESSOA**

**COM SÍNDROME DE DOWN**

LIRA, Cindy Damaris Gomes 1

FERNANDES, Amélia Carolina Lopes 2

**RESUMO**

Conforme Brasil (2012), os elevados índices de pessoas com Síndrome de Down(SD) no país, despertam a atenção para necessidade de serem revisadas as práticas assistenciais nos serviços de saúde pública. O profissional enfermeiro além de atuar nos achados para o diagnóstico da pessoa com SD e respectivos cuidados ambulatoriais; atua na orientação da abordagem a ser utilizada pelos familiares da pessoa com SD, sempre com postura positiva, desmistificando a ideia de que alterações genéticas são limitações de convivência social. E uma das ferramentas auxiliadoras na acessibilidade e atenção da pessoa com SD utilizada pelos profissionais em saúde é o lúdico. Objetivamos de forma geral com esse trabalho discutir as atividades de enfermagem articuladas a lucidade e direcionadas à assistência de pessoas com Síndrome de Down. Trata-se de um resumo selecionado a partir de um trabalho de conclusão de curso intitulado por “Assistência de enfermagem ao usuário com Síndrome de Down na Atenção Básica à Saúde”; trabalho organizado em quatro capítulos sendo um de seus subcapitulos apresentado a esse resumo, o percurso metodológico é de natureza qualitativa que por meio de entrevistas semi-estruturais, realizadas com enfermeiros lotados na assistência básica em saúde, e observações participantes nos serviços de saúde se pode aproximar das concepções, conhecimentos, acessibilidade e atenção dos profissionais enfermeiros para com as pessoas com SD. Em resultado da pesquisa observou uma insipiência de ações, com proporção lúdica e empoderativa, alusivas a promoção à saúde, prevenção de agravos e reabilitação do usuário com deficiência. Conclui-se com a fática necessidade de melhoria ao preparo profissional, afim de que se obtenha segurança para o exercício da atividade assistencial, e maior aproximação a ferramentas assistenciais (instrumentos lúdicos) de estimulação cognitiva e inclusiva das pessoas com deficiência sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE**: Síndrome de Down; Lúdico; Enfermagem.

Indicadores estatísticos revelam que no Brasil há mais de 300 mil pessoas com

Síndrome de Down (BRASIL, 2012). E Malta (2007) afirma que tão somente por

acompanhamentos e orientações adequadas que atendam as particularidades das pessoas com

SD, mortes podem ser evitadas, mortes essas recorrentes da suscetibilidade a algumas

patologias que as pessoas com SD têm devido a caracteres fisionômicos particulares. Assim

1. Discente de enfermagem do 9°período da Faculdade de Enfermagem- FAEN da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. E-mail: cindydamarislira@hotmail.com.
2. Docente do Departamento de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte; Mestre em Saúde e Sociedade pela UERN; Coordenadora do Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Básica/Saúde da Família e Comunidade UERN/PMM. E-mail: amelia.carol@gmail.com

sendo, é aflorada a necessidade de ampliar a compreensão sobre a síndrome por parte da equipe cuidadora da Atenção Básica, uma vez que, tal atenção é considerada a porta de entrada à rede assistencial de saúde vigente em nosso país. Brito et.al (2009) afirma que a inserção das atividades lúdicas no processo de cuidar em enfermagem contribui na assistência tornando-a mais humanizada. O uso desse instrumento serve na boa comunicação entre os profissionais e o paciente, detectando a singularidade de cada um, a presença do lúdico funciona como elo entre o paciente e os profissionais de saúde, caracterizando-se como um recurso que tem por finalidade facilitar ou conduzir aos objetivos estabelecidos no planejamento assistencial. Viana e Fonterrada (2009) ratificam que quanto mais precoce for a orientação e o acompanhamento da pessoa com SD em relação às atividades lúdicas, por exemplo, a musicalidade, o brincar, a teatralidade, melhor é o desenvolvimento da linguagem, pensamento, socialização, iniciativa, autoestima; preparando-o para tornar-se um cidadão capaz de enfrentar desafios e participar na construção de um mundo com valores nivelados.

“Por meio do lúdico, o ser humano expressa seu mundo de criatividade, interagindo consigo mesmo e com as pessoas que o cercam, ou seja, sua ludicidade extrapola as barreiras do seu mundo subjetivo” (GIARETTA; ROSA, 2009, p. 481). Em tempos remotos os indivíduos com Síndrome de Down eram considerados inaptos a ingressarem da conjuntura social ou participarem de atividades sociais comuns, a saber, de trabalho, e isso se deve, em parte, ao fato de que a maioria dos estudos publicados referentes à SD tratava apenas da ordem patológica, sendo muitas vezes pessimistas quanto à capacidade de aprendizagem e desenvolvimento, ou seja, pouco se discutia as potencialidades que essas pessoas têm quando estimuladas. Entretanto, atualmente já se tem discutido, mesmo que de modo ínfimo, nas universidades, nos campos de serviço de saúde, nas instituições pedagógicas e centros legislativos, que pessoas com SD e outras deficiências podem ser inseridas ao meio social sem nenhum prejuízo ou retardo, basta que sejam estimuladas a esse convívio social previamente e a ambiência física esteja coerente as necessidades de cada cidadão – entendendo as pessoas com deficiência como cidadãs. **Metodologia:** Trata-se de um recorte bibliográfico do trabalho de conclusão de curso intitulado por “Assistência de enfermagem ao usuário com Síndrome de Down na Atenção Básica à Saúde”; com abordagem qualitativa, contando como sujeitos da pesquisa enfermeiros lotados em Unidades Básicas de Saúde do município de Mossoró. Obedecendo aos preceitos legais a pesquisa respeita a Resolução n**º** 466, de 12/12/2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS,), tendo consentimento consubstanciado em codificação de 722.484. Foram realizadas um total de sete entrevistas

semi-estruturadas com profissionais de diferentes campos de atuação. Executou-se, ainda, observações participantes- quando a pesquisadora pode inserir-se na rotina dos serviços de saúde, conhecendo a dinâmica assistencial à pessoa com deficiência. **Resultados:** Por meio dessa pesquisa pode-se perceber a amplitude ativa que tem a ludicidade sobre o corpo humano, biopsicossocialmente falando, e os serviços de saúde que se apoderam desse método proporcionam aos seus usuários uma melhor autoestima, autoconfiança e autonomia, de modo a estimular uma corresponsabilidade no cuidado em saúde. Todavia, é necessário que os profissionais compreendam que ações lúdicas devem ser desenvolvidos como provocação a uma aprendizagem significativa e estímulo à construção de um novo conhecimento com o desenvolvimento de novas habilidades. Considerando que estar ou ser saudável não se restringem à ausência de doenças e sim a admissão e avaliação de aspectos biopsicossociais; não é suficiente que os sistemas de saúde estejam somente centrados na cura patológica sob o prisma biologicista, é indispensável reestruturar as políticas de saúde e ações para promoção da saúde, levando em consideração a dimensão cultural e subjetiva exigida pela atenção à saúde, sendo as práticas lúdicas uma indicação para ações assistências mais amplas e equânimes.

*“o lúdico é uma importante estratégia, porque auxilia no desenvolvimento psicossocial de crianças e também de os adultos com deficiência (...) praticas lúdicas facilitam a compreensão deles, ajuda na forma deles agirem em coletivo, junto as outras pessoas” (entrevistado).*

*“Assim, não temos como trabalhar questões lúdicas sozinhos, só se nos articulamos a outros serviços por exemplo a UEI vizinha a nossa unidade; porque falta recursos e profissionais” (entrevistado).*

Entretanto, percebemos que apesar dos benefícios, a implementação de ações lúdicas, no desenho assistencial em saúde que temos hoje, não é algo simples, há uma série de dificuldades: falta de capacitação dos profissionais (desde a formação acadêmica) quanto a prática de ações lúdicas; falta de verbas para aquisição e manutenção dos materiais necessários à pratica lúdica; o reduzido número de profissionais necessários na assistência integral ao usuário do serviço de saúde. E como um paradoxo se preconiza atividades lúdicas, integralizadoras e não predispõe de suporte básico para realizá-las. Ao amplo discurso acerca do lúdico, do jogo, nos é permitido fazer paralelo metafórico entre o conceito de jogo e vida –

“jogo da vida”, jogo de poderes, de valorizações e exclusões que permeia nossa sociedade. Se verificarmos que o jogo se baseia na manipulação de certas imagens, numa certa "imaginação" da realidade (ou seja, a transformação desta em imagens), nossa preocupação

fundamental será, então, captar o valor e o significado dessas imagens e dessa "imaginação". E nos instiga o pensamento de qual imaginação ou imagem tem se criado sobre a pessoa com deficiência, sobre a pessoa com Síndrome de Down, no jogo social. Se nesse jogo de valores e reconhecimentos de direitos sociais, as particularidades das pessoas com deficiência estão sendo respeitadas e consideradas para além de um sentimentalismo de piedade ou caridade (HUIZINGA, 2000). Todas estas ideias parecem oferecer pouca ou nenhuma relação com a esfera semântica que deu origem aos termos lúdicos, e até parecem ser opostas. Contudo, a possibilidade de haver um parentesco entre o direito e o jogo aparece claramente logo que compreendemos em que medida a atual prática do direito, isto é, o processo, é extremamente semelhante a uma competição. E sejam quais forem os fundamentos ideais que o direito possa ter, existe uma premissa de luta, conquista e afinco por espaços sociais das pessoas com deficiência, em requerer uma assistência integral e equânime que é sua por direito. **Conclusão**

Portanto, apesar da discussão de práticas lúdicas voltar-se corriqueiramente a nível pedagógico (instituições escolares), o setor de assistência em saúde pode desenvolver tais praticas com finalidade, além de educação em saúde, de atingir o melhor desenvolvimento motor e intelectual da pessoa com SD, contribuindo assim para o aprimoramento de técnicas assistenciais humanizadas. O reflexo de tal assistência se dará na inserção social das pessoas com SD, de modo que não estarão no “jogo da vida” em desvantagens, mas em lídima justiça.

**REFERÊNCIAS**

BRASIL, Ministério da Saúde; Secretaria de Atenção à Saúde. **Diretrizes de atenção à** **pessoa com Síndrome de Down**. 1ªed. Brasília : Ministério da Saúde, 2012.

BRITO, Tábatta Renata Pereira. As práticas lúdicas no cotidiano do Cuidar em Enfermagem Pediátrica. **Escola Anna Nery Rev. Enfermagem**, v.13, n. 4, p. 802-808, 2009.

MALTA, Deborah Carvalho. Lista de causas de mortes evitáveis por intervenções do Sistema Único de Saúde do Brasil. **Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde do SUS**. v. 16, n. 4, p. 233-244. dez. 2007.

VIANA, Ana Célia de Lima; FONTERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **A musicalização** **como meio de intervenção no desenvolvimento de crianças com síndrome de down – um Estudo de caso. In: XXI Congresso de Iniciação Científica da UNESP, São José do Rio Preto 2011, Anais do Evento. P.** 05170–05173. ISBN: 978-85-88792-08-1. Disponível em:http://prope.unesp.br/xxi\_cic/27\_35387787873.pdf. Acesso em: 19 de agosto de 2012.

GIARETTA, Andréia; ROSA, Angela da. O ato de comer e as pessoas com síndrome de Down. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 62, n. 3, p. 480-484, maio-jun. 2009.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo- SP, Ed. Perspectiva S.S, v.4, ed.4, p. 3-162, 2000.